

Para além da visão simplista de apenas um ano a mais no Ensino Fundamental

Cristina Rolim Chyczy Bruno

RESUMO

Como será o primeiro ano com o ingresso da criança mais cedo na escolar em decorrência da ampliação do Ensino Fundamental para 9 anos? A pedagoga Cristina Rolim Bruno propõe que a metodologia de alfabetização respeite a criança que brinca e estimule o desenvolvimento da oralidade, escrita e leitura por meio de atividades enriquecedoras.



"Crianças ou alunos?" Questiona Sônia Kramer¹ ao analisar a concepção que as escolas e professores costumam adotar na relação com os estudantes. "As duas denominações traduzem a mesma idéia?", indaga, para retratar, com propriedade, a idéia comum de que na Educação Infantil "há crianças" e no Ensino Fundamental "há alunos". Ainda em tom de constatação assevera:

"O questionamento às dicotomias me levou a dizer que temos crianças na educação infantil e no ensino fundamental (...); o que não quero para a educação infantil, eu não quero também para o ensino fundamental".²

Tais considerações são fundamentais no momento histórico em que vivemos, em especial na Educação Pública Municipal

de Curitiba, pois elas nos revelam as armadilhas que incorremos quando separamos as crianças por categoria ou nível de ensino. Quem de nós já não escutou afirmações como: "O primeiro ano do ensino de nove anos é o antigo pré-escolar"; ou: "Agora é preciso alfabetizar no primeiro ano?"... Essas "falas" recorrentes nos conduzem a uma visão muito simplista quanto ao primeiro ano, pois este novo primeiro ano não pode ser concebido como o antigo pré-escolar e nem tampouco a visão prescritiva de alfabetização deve ser implantada neste nível de ensino. Mais importante do que afirmar que devemos alfabetizar no primeiro ano do Ensino Fundamental, é imprescindível pensar na concepção que temos de al-

fabetização. É temerário que, com esta ânsia por *alfabetizar*, crianças de seis anos de idade que ingressam na escola sejam submetidas a trabalhos de cópias, exercícios repetitivos, treinos de leitura, desconsiderando "a convivência, o trabalho com a literatura, a dança, a música, o corpo e os movimentos, a produção plástica, a natureza".³

A organização pedagógica do primeiro ano do Ensino Fundamental prevê o trabalho com a alfabetização, pois, afinal, o papel da escola é ensinar a ler e escrever, para além da pura mecanização. Então, pensar nesse nível de ensino é pensar toda a estrutura na qual esse processo se assenta e, insistimos, rever, aprofundar e retomar conceitos de alfabetização.

1. Sônia Kramer, 2003

2. Idem, 2003.p. 63

3. Ibidem, 2003. p. 65

Não são recentes as análises de que a língua escrita deve ser construída pelas crianças pelo viés de seu uso, de sua função social. Ainda, não se pode olvidar que é preciso trabalhar as relações fonema-grafema, pois sem essa aprendizagem, a criança não compreende a estrutura da língua escrita.

A partir de tais considerações, é possível afirmar que no *primeiro ano*, trabalhar com a língua falada e escrita não é “adiantar” o processo de formação do leitor. Aliás, no que se refere à alfabetização, é muito difícil precisar seu início a partir de um nível de escolarização, assim como seu fim. É certo, porém, que, quando a criança ingressa na escola esse processo deve ser trabalhado. Não deve, no entanto, ser encarado como uma tarefa apenas, com lápis, papel, contornos de letras e números. O processo da alfabetização, neste “novo” primeiro ano, pressupõe o necessário distanciamento de tais práticas.

Com a intenção de contextualizar essa alfabetização, inserindo-a num processo social amplo que comporta análises e estudos, Magda Soares⁴ contribui afirmando a necessidade de ampliar o significado da alfabetização, e justifica, assim, o surgimento da palavra *letramento*. Destaca a autora que o surgimento do termo se deu em consequência da necessidade de destacar comportamentos e práticas do sistema da escrita em situações sociais. Acrescenta-se, ainda, que os dois processos têm sido confundidos e, até mesmo, fundidos.

Então, por entender que a alfabetização só faz realmente sentido no contexto da prática social, é que acentuamos a sua rela-

ção com o letramento. Assim, fica ainda mais emergencial pensar em processos de alfabetização no primeiro ano do Ensino Fundamental de nove anos. Esta reflexão se assenta, na crença de que “alfabetizar” é possível neste nível de ensino, desde que os professores, como aborda Moyles⁵, sejam capazes de oferecer atividades enriquecedoras para o desenvolvimento da oralidade, leitura e escrita.

Ainda que pareça contraditório, “é preciso levar a sério as brincadeiras” e, sobretudo, tra-



O papel da escola é ensinar a ler e escrever para além da pura mecanização. É pensar a estrutura na qual esse processo se assenta e aprofundar e retomar conceitos de alfabetização

tar com respeito as crianças que estão brincando, pois ao conversar sobre suas brincadeiras com os adultos, a criança começa a valorizar o brincar, desenvolvendo assim o senso de propósito, audiência e registro. Dessa forma, há de se pensar também que as estratégias de ensino voltadas à repetição, com rotinas rígidas sob a égide do silêncio, devem ser desprezadas, pois não devemos nunca perder de vista que essas crianças têm apenas seis anos de idade.

Estas considerações baseiam-se também na preocupação quanto ao novo modismo das provas, que têm-se constituído na “coqueluche” do momento. Como já poetizou Cazuza, “Eu vejo o futuro repetir passado. Eu vejo um museu de grandes novidades”...⁶ Sabemos, por certo, o quanto a avaliação é fundamental tanto para direcionar o trabalho docente quanto à tomada de decisões. Todavia, é possível constatar em relação às formas de avaliar, que a utilização do mecanismo *prova* foi reintroduzido nas escolas exatamente de acordo com os moldes da *Pedagogia tradicional*. As cobranças quanto a notas e bom desempenho em avaliações institucionais podem conduzir aos equívocos de “agilizar”, “adiantar” e “preparar” para atingir bons resultados. E assim, apenas treinar, mecanizar e, ingenuamente, ter-se a idéia de que se está alfabetizando.

Sabemos que a construção da língua escrita exige do professor clareza quanto aos métodos de ensino, assim como a análise do ponto de partida e de onde se pretende chegar. É imprescindível ter-se presente a constante e fundamental avaliação da evolu-

4. Magda Soares (2004)

5. Janet Moyles (2002)

6. A música “O tempo não pára”, de Arnaldo Brandão e Cazuza, foi lançada em 1989, em disco do mesmo nome, pelo selo Universal Music.

ção das crianças na aquisição do sistema da escrita. Para tanto, pesquisas, preparo e estudos são fundamentais. Até para questionar que “devemos aprender que a sociedade na qual vivemos nos julga e nos classifica. Assim, trabalhem na escola com a contradição, opondo-nos aos padrões estabelecidos, se quisermos realmente EDUCAR”⁷.

Não devemos perder de vista que o processo é, sim, mais importante que o “produto”. Com isto, a intenção não é negar a importância da prova, um instrumento relevante de avaliação, mas que não pode ser central no processo ensino-aprendizagem. Precisamos estar cada vez mais preparados e subsidiados teoricamente para as nossas ações. Devemos ter clara em nós a concepção de alfabetização e, munidos de planejamentos rigorosos, acreditarmos que não há nenhuma dúvida sobre a natureza quase perfeita do sistema de aprendizagem infantil, pois a criança pode ser considerada um ser nascido para a aprendizagem.

E, então, a partir dessa crença na criança como um *aprendiz*, podemos construir nosso trabalho na escola, pois, consoante documentos e estudos que precedem as Diretrizes Curriculares Municipais de 2006:

“A aquisição da linguagem escrita depende da mediação de quem já domina essa linguagem. Assim, só se compreende a aprendizagem na relação com o outro que já faz uso desse conhecimento. Nesse processo o papel do professor é o de exercer uma ação intencional no sentido de levar o aluno a refletir sobre esse objeto do conhecimento através das ações de explicitar, discutir, traduzir, conceituar, mostrar, exemplificar o



O professor que atua no primeiro ano do ensino fundamental desfruta desse momento mágico na vida de muitas crianças, da descoberta: “Eu já sei ler!”

*ato de ler e escrever.*⁸

Todas essas considerações levam-nos a crer que o primeiro ano do Ensino Fundamental de nove anos “não é o antigo pré-escolar!”. Esta inserção é uma mudança e, como toda mudança, deve ser concebida com novos olhares, sem perder de vista a dimensão histórica, de novos sujeitos e de nova estrutura de ensino. E ainda, para além de uma visão prescritiva de alfabetização, precisamos estar conscientes de que devemos, sim, alfabetizar no primeiro ano, e diríamos até, antes mesmo do primeiro ano. Como sabiamente afirmava Paulo Freire⁹ “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. E é para essa direção que devemos voltar nossos olhares, sem nunca perder de vista essa busca.

Na obra “Uma História da Leitura”, de Alberto Manguel¹⁰, o autor discorre como foi introduzido no universo da escrita, descrevendo a imensa magia que, desde a mais tenra idade, o

envolveu na busca por decifrar os códigos escritos. Com propriedade e poesia, o escritor retrata a paixão que tinha em folhear livros, mesmo sem ser alfabetizado. Acredito que tais sentimentos já foram vivenciados por nós, docentes, que em sua maioria se sente tomado por essa atração indescritível diante dos livros. Manguel assim apresenta como foi o momento em que descobriu que já sabia ler:

Então, um dia, da janela de um carro vi um cartaz na beira da estrada. A visão não pode ter durado muito; talvez o carro tenha parado por um instante, talvez tenha apenas diminuído a marcha, o suficiente para que eu lesse, grandes, gigantescas, certas formas semelhantes às do meu livro, mas formas que eu nunca vira antes. E, contudo, de repente eu sabia o que eram elas; escutei-as em minha cabeça, elas se metamorfosearam, passando de linhas pretas e espaços brancos a uma realidade sólida, sonora, significativa. Eu

7. Lilian Wachowicz, 2006. p.140

8. Secretaria Municipal da Educação de Curitiba, 1996 p. 33

9. Paulo Freire, citado por Sônia Kramer, 2003. p. 79

10. Alberto Manguel (1997)

11. Idem, 1997. p.18.

*tinha feito tudo aquilo sozinho. Ninguém realizara a mágica para mim. Eu e as formas estávamos sozinhos juntos, revelando-nos em um diálogo silenciosamente respeitoso. Como conseguia transformar meras linhas em realidade viva, eu era o todo-poderoso. Eu podia ler.*¹¹

É encantador compartilhar o momento da “metamorfose” de linhas pretas e brancas em realidades sonoras, significantes, como professora Manguel. E o professor que atua no primeiro ano do ensino fundamental desfruta desse momento mágico na vida de muitas crianças. Poderíamos até afirmar que esse professor é a “ponte” para essa transformação, pois, quando a criança inicia seu processo de leitura, em primeira instância, recorre ao professor! Ela também orgulhosa de sua habilida-

de, quase como que demonstrando que sabe fazer mágica. Em sua natureza afetiva, a criança deposita no professor os créditos por tamanha façanha. Então, até é possível asseverar que cabe ao professor que atua neste nível de ensino ser sensível a esse momento inesquecível na vida de seus estudantes, compartilhando desta conquista! Dar importância, sim, às estratégias e métodos necessários à aquisição do sistema da escrita, mas não esquecer nunca que essa conquista é envolta pelo *sentimento mágico* da descoberta: “EU JÁ SEI LER!”.

Para finalizar, recorremos a um personagem de Guimarães Rosa, *Miguelim*, menino de apenas oito anos de idade retrata sua visão de mundo de forma encantadora, poética, descrevendo sua infância sofrida, como de mui-

tas das crianças com as quais nos deparamos em nossas escolas. Um certo dia, *Miguelim* foi ajudar seu tio a recolher taquaras no mato e o menino, com prontidão, juntou um feixe muito maior que seu tamanho poderia carregar. Então, o tio perguntou: “Miguelim, este feixinho está muito pesado para você?” E *Miguelim*, com sábia visão de infância responde:

*“Tio Terêz, está não. Se a gente puder ir devagarinho com precisão, e ninguém não gritar com a gente para ir depressa demais, então eu acho que nunca é pesado...”*¹²

Quiçá possamos aprender com Miguelim como a criança vivencia seus desejos e necessidades, e atentar que, para ela, nada é *pesado*, desde que sua natureza e seu ritmo sejam sempre respeitados!



Cristina Rolim Chyczy Bruno

é mestre em Educação e pedagoga da Escola Municipal Nympha Maria da Rocha Peplow, de Curitiba.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o Ba, Be, Bi, Bo, Bu**. São Paulo: Scipione, 1998.
- CURITIBA. Secretaria Municipal da Educação. **Currículo Básico: “compromisso permanente para a melhoria da qualidade do ensino na escola pública”**. 1996.
- KRAMER, Sonia e BAZÍLIO, Luiz Cavalieri. **Infância, Educação e Direitos Humanos**. São Paulo: Cortez, 2003.
- MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MOYLES, Janet R. **Só Brincar? O papel do brincar na educação infantil**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.
- ROSA, João Guimarães. (1908-1967). **Manuelzão e Miguelim**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1984 by Herdeiras de João Guimarães Rosa.
- SOARES, Magda. LETRAMENTO: **Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento: Caminhos e Descaminhos**. In: Revista Pátio: ArtMed Editora, número 29 - ano 7. Fev. Abril 2004.
- WACHOWICZ, Lilian. **Avaliação e Aprendizagem**. In: VEIGA, Ilma Passos (org). **Lições de Didática**. Campinas: Papyrus, 2006.

12. “Manuelzão e Miguelim”, de João Guimarães Rosa, p.37